

TRADUÇÕES



Mapeamento de uma ocupação: Uma declaração graficamente posta

Mapping of an occupation: A graphically rendered statement

ÖZGE DERMAN

École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) Paris, Île-de-France, FR

HENRIQUE PICCINATO XAVIER (TRADUTOR)

Universidade de São Paulo (USP) São Paulo SP, Brasil

RESUMO

O artigo oferece uma análise sociológica de uma experiência performativa de mapeamento no movimento *Occupy Wall Street* (OWS) de Nova York em 2011. Ele delinea a transformação da declaração do OWS em uma "lista de *grievances* [demandas-sofrimentos-queixas]" graficamente representada pela artista Rachel Schragis por meio de um processo participativo no espaço ocupado do Parque Zuccotti. Baseando-se na passagem contínua entre as ideias, o espaço tridimensional vivido e a superfície plana bidimensional da cartografia gráfica, ela demonstra as maneiras pelas quais a cartografia coletiva-performativa incorporou e transcreveu a interconexão entre o percebido, o concebido e o(s) espaço-tempo(s) vivido(s) (Lefebvre 1974, Harvey 2006) no interior do espaço ocupado do OWS.

PALAVRAS-CHAVE

Performatividade, mapeamento, cartografia gráfica, Occupy Wall Street, espaço-tempo

ABSTRACT

This paper offers a sociological analysis of a performative experience of mapping in New York's Occupy Wall Street (OWS) movement in 2011. It delineates the transformation of the declaration of the OWS into a graphically rendered "list of grievances" by the artist Rachel Schragis through a participatory process in the occupied space of Zuccotti Park. Drawing on the continuous transition between the ideas, the three-dimensional lived space, and the two-dimensional flat surface of graphical cartography, it demonstrates the ways in which the collective-performative map-making embodied and transcribed the interconnection between the perceived, conceived, and lived space-time(s) (Lefebvre 1974, Harvey 2006) within the occupied space of the OWS.

KEYWORDS

Performativity, mapping, graphical cartography, Occupy Wall Street, space-time



Figura 1 - Mapa de Rachel "Todas as nossas grievances [demandas-sofrimentos-queixas] estão conectadas" da coleção pessoal da autora.

Esse artigo oferece uma análise sociológica de uma experiência performativa de mapeamento no movimento *Occupy Wall Street* (OWS) de Nova Iorque, que ocorreu no outono de 2011. Esse ato performativo diz respeito a uma obra de arte criada por uma artista visual Rachel Schragis durante a ocupação do Parque Zuccotti no distrito de Wall Street, em Manhattan. Contudo, tanto como artista quanto como ativista, Rachel não foi a única a colocar em prática essa obra de arte; o ato criativo, ao contrário, envolveu um processo participativo por meio do qual a "Declaração de Ocupação de NYC", oficialmente emitida pela Assembleia Geral do movimento, – a qual era um texto escrito – foi transformada em uma representação gráfica e se tornou posteriormente uma das obras de arte mais notórias da OWS.

O contexto no qual a arte foi criada, colocada em prática e eventualmente impressa como um cartaz foi a ocupação do Parque Zuccotti no meio do distrito de Wall Street, na cidade de Nova Iorque, durante três meses. A partir de 17 de setembro de 2011, o parque ocupado surgiu como o espaço do processo deliberativo de decisões e sediou as reuniões da Assembleia Geral (AG), bem como uma multiplicidade de práticas artísticas, ações criativas e performativas. Nesse contexto, o "mapa mental" de Rachel foi uma resposta gráfica à questão incerta acerca do que era o movimento *Occupy* naquele momento em particular, tanto que o mapa visualizava as questões abordadas durante as reuniões da AG.

A "lista de *grievances* [demandas-sofrimentos-queixas]" apresentada graficamente reiterou a transição contínua entre as ideias, o espaço tridimensional vivido e a superfície plana bidimensional da cartografia gráfica, sendo realizada por meio da prática performativa. Portanto, esse processo de transição apareceu na elaboração da obra de arte como ação coletiva e também no mapa mental impresso ao final. O mapa sobre a superfície bidimensional como consequência da experiência no espaço vivido da ocupação e do movimento revelou o entrelaçamento de múltiplos espaço-tempos dentro da OWS. De fato, o conteúdo do mapa, a elaboração e a leitura do mapa são noções suscetíveis de mudança e de interpretação, bem como, também, de manter uma certa utilidade política e social (Lefebvre 1974) e de encenar as relações de poder (Schechner 2002). A esse respeito, gostaria de questionar nesse artigo as formas pelas quais essa cartografia performativa coletiva encarnou e transcreveu a interconexão entre o(s) espaço-tempo(s) percebido(s), concebido(s) e vivido(s) (Lefebvre 1974, Harvey 2005) dentro do espaço ocupado da OWS.

Na sequência dessas interrogações, vou metodologicamente adotar uma abordagem relacional onde o espaço aparece não apenas como um pano de fundo ou um suporte para a ação, mas mais como um ato performativo. Em outras palavras, espaços emergem na disposição relacional entre seres vivos e objetos (Löw 2016) por meio da ação. Finalmente, o trabalho de campo inclui uma entrevista semi-estruturada realizada pessoalmente com a artista que permite a compreensão e interpretação dos processos criativos e participativos na elaboração do mapa mental. Enquanto a primeira seção fornece um histórico sobre o contexto no qual a arte foi criada e executada, a segunda diz respeito ao processo criativo do mapa mental dentro da OWS. Essas duas seções projetam as circunstâncias sob as quais a obra de arte se originou e as maneiras pelas quais ela é criada e conectada à organização geral da OWS. A terceira parte envolve a inter-relação dialética dos espaços vividos, concebidos e percebidos para compreender o tecido que liga o espaço tempo vivido e a superfície plana cartográfica. Por fim, o mapa mental é discutido através de sua característica de montagem de gestos e palavras durante o processo criativo e também como uma ferramenta comunicativa para a OWS.

A ocupação do Parque Zuccotti

A ocupação do parque começou em 17 de setembro de 2011 e ocorreu como consequência da congregação de múltiplos grupos ativistas locais que se levantaram contra a injusta ordem econômica e social identificada ao Wall Street, por um lado; e o chamado da revista anti-capitalista *Adbusters* para ocupação do distrito de Wall Street com barracas, por outro. Embora essas duas ocorrências estejam intrinsecamente relacionadas, é igualmente crucial ter em mente que a OWS foi inspirada pelos movimentos sociais pós-2010, como a Primavera Árabe, notadamente a ocupação da praça Tahrir no Egito, o movimento grego antiausteridade e a ocupação da praça Puerta del Sol, em Madri. Certamente, em diferentes contextos geográficos, sociais, econômicos e políticos, os motivos para protestar e ocupar espaços públicos eram diferentes, mas todos eles compartilharam elementos comuns de protesto, como o ato de ocupação das praças através de acampamentos e a implementação do movimento social sem líderes, sem mencionar o uso generalizado de redes sociais.

O slogan da OWS era "nós somos os 99%" contra o 1% rico. Esse último representado pela Wall Street que encarnava a principal imagem da distribuição desigual de recursos, riqueza e poder nos Estados Unidos contemporâneo. Isso diz respeito em particular ao estouro da bolha imobiliária e à decisão do governo em socorrer os bancos, ligada à crise econômica de 2008, ao aumento das taxas de desemprego e às execuções hipotecárias. Os 99%, por outro lado, eram as pessoas sob o peso da dívida e da crise contra aqueles que possuem 40% da riqueza. Além disso, a chamada ganância de Wall Street estava ligada à parceria econômica e política das grandes corporações e do governo dos Estados Unidos. Todas as preocupações relacionadas com a crise econômica e a ganância corporativa foram de fato expostas e condenadas através dos cartazes feitos a mão durante a ocupação do parque. Assim, as reuniões esporádicas de vários grupos de ativistas, estudantes, artistas, escritores no Parque Zuccotti de Wall Street, do início da ocupação se transformaram em "New York City General Assembly [Assembleia geral da cidade de Nova York]" (NYCGA), enquanto o movimento espalhou suas mensagens sobretudo após as intervenções violentas da polícia contra manifestantes não-violentos que marchavam na Union Square de Nova York e na ponte do Brooklyn.

Dentro da OWS, ações performativas e práticas artísticas foram fatores que contribuíram consideravelmente na experiência espacial dentro e ao redor do parque e para captar as questões debatidas no movimento. Em primeiro lugar, os *signs* [cartazes, letreiros, placas] feitos à mão e impressos, e o batuque constituíram a principal estética do parque. Como um dos ativistas/artistas expressou, no quadrado noroeste do parque o povo criou uma "espécie de tapeçaria de *signs*" no chão. Além disso, o Parque Zuccotti incorporou um verdadeiro espaço residencial ao ar livre para aqueles que lá viviam de dia e de noite, assim como várias estruturas comuns como a enfermaria, a biblioteca, a cozinha, o canto de relações com a mídia, as áreas de meditação e de serigrafia. Essas foram desenvolvidas espontaneamente e o parque foi sendo gradualmente preenchido com as pessoas que aderiram ao movimento enquanto a organização da AG era construída no decorrer dos eventos. Nesse contexto, a OWS animou "um mundo de possibilidades além do 'mercado' e 'o Estado' (onde novas) formas de subsistência e governança" emergiram dentro do parque, ansiando pelos ideais de "justiça, democracia e solidariedade" (Miller 2020).

Como mencionado anteriormente, a demanda central do povo na OWS - os 99%, dizia respeito em particular ao ajuste do sistema econômico injusto em paralelo à cultura política corrupta nos EUA. Assim, os sinais feitos à mão e os slogans refletiam essas preocupações: desde mensagens individuais que tratavam de toda uma gama de assuntos dentro da sociedade americana até questões particulares de comunidades específicas. Certamente, a perda de moradias por execução hipotecária, o poder dos 99%, a riqueza gananciosa de 1% e Wall Street, a mudança climática, a violência infligida pelo Departamento de Polícia de Nova York (NYPD), a pobreza, as mensagens anti-

guerra, a esperança de uma sociedade democrática e o *Medicare* [sistema de seguros de saúde gerido pelo governo americano] para todos constituíram o conteúdo dos *signs* [cartazes, letreiros, placas] em sua maior parte. O ponto saliente aqui é que a relação do povo com os *signs* foi altamente performativa no sentido de que eles não simplesmente criaram os *signs* e seu conteúdo, mas curaram o espaço de reivindicação enquanto dispuseram os *signs* feitos à mão de várias formas no chão do Parque Zuccotti. Portanto, não permaneceu como uma reivindicação ou criação de um homem ou mulher, a performatividade geral incluiu a interferência espontânea e efêmera de um corpo coletivo. Mais uma vez, o caráter efêmero e temporário dos objetos e ações foi de fato um aspecto chave não apenas na confecção de *signs* ou curadoria, mas também em outras performances e ações performativas durante o movimento. No que diz respeito à "lista de *grievances*" graficamente apresentada e composta por Rachel, a efemeridade foi desafiada pela transformação do mapa mental feito à mão em um cartaz impresso.

O processo criativo

A artista virtual Rachel Schragis foi, então, a cabeça pensante de uma das práticas artísticas na OWS o "mapa mental" que o presente artigo aborda. Enquanto criadora dessa obra de arte original, ela foi uma das ativistas que participou da reunião da AG onde a "Declaração de Ocupação de NYC" foi composta e anunciada em 29 de setembro. Aquele dia, em que a declaração foi emitida, marcou o ponto de partida do processo criativo dessa obra de arte, assim como a sua participação no movimento, que ela definiu como "uma história clássica de ativação para o trabalho político por meio do *Occupy*". Primeiro de tudo, ela se tornou membro e organizadora do Grupo de Trabalho Artes e Cultura, um dos grupos de trabalho e comitês que foram formados com o surgimento do movimento. Depois, como artista visual obcecada em fazer mapas mentais por muitos anos, a declaração do OWS foi a inspiração para que ela chegasse a ideia de um mapa que revelasse a substância do OWS e o texto escrito foi encarado por ela como uma espécie de "lista de *grievances*". Ela sentada no meio do Parque Zuccotti para fazer esse mapa em lápis sobre tela que se transformou com a participação de outros ativistas do parque, ajudando com os anéis externos e, em seguida, com a arte final em tinta sobre o lápis. Depois de ser compartilhado em redes sociais, o mapa mental chamou a atenção do público, incluindo os membros da AG da OWS, e posteriormente foi reproduzido como um cartaz impresso.

De fato, o "mapa mental" de Rachel como uma representação gráfica de uma declaração oficial escrita atuou como uma resposta visual à não compreensão da OWS no início da ocupação. Naquele momento em particular, a mídia questionava a falta de exigências claras e a falta de um líder no movimento, fatos que eram comuns nos movimentos pós-2010. Além disso, o trabalho artístico mostrava visualmente as conexões das *grievances* [demandas-sofrimentos-queixas] de pessoas entre si desconhecidas que resistiam no mesmo movimento. A conceituação e o desenho do mapa da "lista de *grievances*" foi baseada principalmente em uma experiência artística subjetiva dela: Rachel estava fazendo sua "coisa" como esperado e apresentando sua interpretação do engajamento dentro do movimento. Essa é a razão pela qual ela declarou: "ninguém faz parte do Ocupar senão você". Você oficializa seu próprio trabalho. O que o grupo pode fornecer é confiança ou feedback ou estratégia ou mensagens". Ela contribuiu para o movimento dentro de sua própria capacidade e talento enquanto membra do Grupo de Trabalho de Arte e Cultura, bem como da Guilda das Marionetes, suas ações foram reforçadas dentro de redes específicas de conhecimento e artesanato. Entretanto, sua contribuição artística tornou-se um dos cartazes mais conhecidos da OWS por meio do apoio financeiro [para impressão dos cartazes] da AG, após sua propagação nas mídias sociais.

A esse respeito, como argumentou um dos editores da revista *Adbusters*, o Micah White: "Ocupar prosperou quando se beneficiou do conhecimento especializado de seus participantes. A força do verdadeiro horizontalismo vem

do reconhecimento de que nossa igualdade fundamental, nossa humanidade compartilhada, deriva de nossa diversidade” (White 2016: 130-131). A organização horizontal do movimento agiu sobre a “ausência de liderança horizontal” (ibidem), que surgiu através da invenção prática mais original, o “microfone humano”, onde a audiência repetia em ondas as palavras e frases do orador através do resto da audiência. Como o uso de microfones e megafones no Parque Zuccotti era proibido por lei, o microfone humano dos GAs operava eficientemente na transmissão das ideias e discussões “na acústica horizontal da multidão ao invés da intimidade eletrizada do ‘som amplificado’” (Kim 2011).

O mapa de Rachel a refletia enquanto parte constitutiva da comunidade da OWS, não apenas por meio do compartilhamento de sua criatividade e produção manual, mas também pela projeção gráfica da estrutura não-hierárquica do movimento. “Que esses fatos sejam conhecidos” escrito à mão no centro do mapa foi cercado pelas bolhas de ideias diretamente retiradas da lista de reivindicações da declaração. Em torno desse primeiro anel, os anéis externos surgiram a partir do “processo participativo de edição *crowd-sourced* [em colaboração coletiva]” (Schragis 2011) no Parque Zuccotti, onde centenas de pessoas contribuíram para o mapeamento de ideias. O processo participativo e horizontal de criação surgiu especificamente nessa fase de elaboração de mapas. Portanto, o mapa também permitiu uma leitura visual circular da declaração escrita, assim como os processos de tomada de decisão na AG. As ideias na forma de palavras enunciadas no espaço ocupado do Parque Zuccotti e depois transcritas de forma convencional são finalmente transformadas em uma cartografia gráfica que representava palavras onduladas interconectadas comparáveis à acústica horizontal do microfone humano. Foi assim que a “lista de *grievances*” gráfica de Rachel revelou a contínua inter-relação entre as ideias, as palavras, o espaço tridimensional vivido, e a superfície plana bidimensional da cartografia gráfica que ocorreu através da ação performativa coletiva.

Do espaço vivido à cartografia criativa

Quanto à cartografia e ao mapa de superfície bidimensional, vale a pena mencionar o filósofo francês Henri Lefebvre cujo conceito de espaço absoluto se refere à “redução das realidades tridimensionais a duas dimensões” (1974: 285) enquanto mapas e representações gráficas do espaço, mantendo uma certa utilidade política e social. Segundo ele, a elaboração e leitura de mapas, assim como o conteúdo do mapa, são suscetíveis de mudança e interpretação. Na divisão tripartite do espaço de Lefebvre, ele aborda o espaço material percebido como o espaço da experiência e da interação humana na vida cotidiana, enquanto a representação oficial do espaço pelos urbanistas e cartógrafos se refere a um espaço que é concebido em contextos específicos. Para David Harvey (2006), o espaço geométrico incorpora o espaço de cálculos e padronizações como no planejamento da cidade e na estruturação urbana, por um lado; e o espaço relativo reflete a perspectiva dos observadores, por outro. A esse respeito, Richard Schechner afirma que os mapas “performam uma interpretação particular do mundo (e) cada mapa é uma ‘projeção’”. (2006:41) enquanto a representação na superfície plana. Essa ideia de fato aparece na encenação do mundo pelos olhos das potências coloniais, como na projeção do mapa cilíndrico de Mercator. Assim, Schechner acentua o fenômeno dos mapas que estabelecem relações de poder enquanto que para Lefebvre, os mapas também podem resultar em uma “remoção da realidade” (1974: 84).

O mapa de Rachel, por outro lado, encena as relações horizontais não hierárquicas dentro do OWS, onde as ideias continuamente cresciam, expandiam e tomavam formas múltiplas indo além do espaço material do Parque Zuccotti. A produção artística, a imaginação, o sensível e os sonhos, assim o reino não verbal introduziu um aspecto afetivo na forma de imagens e símbolos. Tudo isso, de fato, caracteriza o conceito de Lefebvre de espaço tempo vivido, ou seja, o espaço dos usuários, habitantes e artistas, onde “a imaginação aspira à mudança e à apropriação” (1974: 39).

Portanto, ao invés da representação oficial do espaço, os espaços percebidos, concebidos e vividos existem e habitam simultaneamente a criatividade dentro da OWS.

O mapa feito à mão por Rachel Schragis nascido das “*consensus run meeting* [reuniões de consenso em comum¹]” em tal enquadramento reflete a experiência de ocupação e a disposição relacional entre seres vivos e objetos por meio da ação performativa. Ao mesmo tempo em que incorpora um mapa performativo coletivo e ecoa o espírito e a mentalidade da ocupação, o mapa bidimensional imprimiu o processo participativo e conectou o espaço tridimensional vivido e o entendimento cartográfico do espaço em seus próprios termos. A representação espacial abarca, portanto, tanto as perspectivas egocêntricas quanto as allocêntricas, ou seja, tanto os enquadramentos centrados no corpo, quanto os planejados (Tversky 2019), referindo-se à comunicação gestual e ao pensamento abstrato. A partir dessa perspectiva, enquanto a estrutura egocêntrica representa a experiência vivida no espaço ocupado onde o corpo está no centro da ação, a allocêntrica permanece fora do corpo e utiliza uma espécie de visão perspectiva dos olhos das aves, semelhante às práticas cartográficas.

Além disso, quando essa obra de arte colaborativa foi transformada em um cartaz impresso com o apoio da AG, ele serviu como um ponto de referência para as consultas sobre o movimento. De fato, o mapa, para Rachel, “respondeu à pergunta sobre o que (era) o *Occupy*”, quando não ainda era muito claro ou convencional aos olhos dos jornalistas ou do público em geral. Assim, ele revelou os processos em que os manifestantes se expressaram e a mentalidade que adotaram dentro do movimento, para não a falar das questões contra as quais lutaram. Assim, o mapa mental de Rachel retratou as conexões de *grievances* de pessoas não familiarizadas entre si e sua reprodução como cartaz desempenhou um papel considerável na divulgação e visualização gráfica do movimento.

Mapeamento de ideias através de palavras e gestos

Barbara Tversky argumenta que “criar um mapa significa integrar muitas experiências diferentes e achatá-las em um plano” (2019: 119). No mapa de Rachel, a ação de desenhar transformou a declaração escrita em outra coisa, uma obra de arte em forma de mapa, mantendo ainda as características da linguagem escrita. No entanto, como descrito anteriormente, a criação desse mapa mental envolveu uma experiência além de uma simples transcrição de uma declaração escrita. A ação em si foi um ato de incorporação de múltiplas experiências de múltiplas pessoas em uma superfície bidimensional. Nessa superfície, a declaração formou o núcleo do trabalho artístico através do qual as bolhas de ideias se expandiram em anéis conectados de *grievances* comuns. De fato, destacada no topo do mapa mental, a declaração de que “nosso mundo cada vez mais interconectado obscurece a verdade subjacente de que todas as nossas *grievances* estão conectadas” verbalizava as múltiplas interconexões. Cada aglomeração de palavras conectadas à vida das pessoas em um nível pessoal que se entrelaçou com a experiência coletiva, a qual lhes permitiu performar os laços tanto intelectualmente quanto corporalmente.

Além disso, o ato de desenhar, fazendo a arte em tempo real no espaço sugere uma dimensão gestual e corporal semelhante às outras ações performativas na OWS. Conforme Tversky escreve, a dimensão gestual incorpora uma outra forma de pensar e de comunicar também. Por exemplo, o uso de gestos específicos durante

¹ (Nota de tradução) “*Consensus run meeting*” traduzido livremente por “reuniões de consenso comum” designa assembléias e reuniões comprometidas em encontrar soluções ativamente apoiadas por todos ou, pelo menos, soluções que todos possam conviver bem com elas. O que assegura que todas as opiniões, idéias e preocupações sejam levadas em consideração. Algo bem distinto das tradicionais assembléias que tomam suas decisões finais pela mera votação em um item, elevando a maioria numérica à medida final de decisão.

as montagens no parque, tais como os sinais de mão em vez de palavras para comunicar, expõe a capacidade comunicativa dos gestos sob tais circunstâncias. Nesse sentido, esses sinais de mão têm significados diretos e se assemelham à forma como os mapas e gráficos se comunicam. Ela argumenta, portanto, que ao invés da percepção comum de que as palavras precedem os gestos, eles evoluem e se desenvolvem de forma conjunta. Curiosamente, o mapa mental de Rachel encarna tanto as palavras quanto os gestos de um modo específico a expressar na superfície plana a história do OWS.

“Criado por ações no espaço” (ibidem: 197), gestos e mapas são dinâmicos e estáticos ao mesmo tempo, refletindo a interconectividade do percebido, do concebido e do vivido espaço-tempo. Sua diferença está na temporalidade como Tversky a especifica: ou seja, os gestos são realizados aqui e agora enquanto os mapas e gráficos não dependem necessariamente do tempo presente, mas interligam o passado e o futuro, assim como a linguagem. Em outra nota, a divergência pode ser identificada na temporalidade dos gestos na interação do tempo presente: sua representação do pensamento difere das do mapa e do gráfico que duram. A esse respeito, o mapa de Rachel de “A declaração da ocupação da cidade de Nova York”, enquanto o próprio objeto e como a representação do processo de elaboração do mapa, creio, reúne as dimensões gestual e corporal com a transcrição de ideias e contexto na mesma superfície plana cartográfica. Além disso, certamente encarna a dimensão gestual ao mesmo tempo em que transcreve toda a experiência do espaço-tempo.

Concluindo, a partir da ocupação do Parque Zuccotti e das assembleias – onde palavras, gestos e pensamento se embaralham a *signs* [cartazes, placas e letreiros] feitos à mão e a ações criativas performáticas – o mapa mental de Rachel pode incorporar o movimento geral através de suas ferramentas indiretas. Ele demonstrou como a experiência tridimensional foi conectada e transformada no espaço bidimensional do mapa. Os anéis, barracas, conexões, linhas, ondas, pessoas, árvores, palavras, gestos; tudo isso constituiu uma espécie de tecido conectivo durante toda a ocupação, seja na superfície cartográfica ou no espaço vivo do OWS.

Referências

Adbusters. <https://www.adbusters.org>

Harvey, David. *Spaces of Global Capitalism, Towards a Theory of Uneven Geographical Development*. New York: Verso, 2006.

Lefebvre, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishing, 1974, 1984.

Kim, Richard. “We are all Human Microphones Now.” *The Nation*, October 3, 2011. <https://www.thenation.com/article/archive/we-are-all-human-microphones-now/>

Löw, Martina. *The Sociology of Space: Materiality, Social Structures, and Action*. New York: Palgrave MacMillan, 2016. <https://doi.org/10.1057/978-1-349-69568-3>

Miller, Ethan. “Occupy! Connect! Create! Imagining Life Beyond ‘the Economy’ (part five).” *Grassroots Economic Organizing*, October 21, 2011. Accessed August 27, 2020. <https://geo.coop/node/727>.

Occupy Wall Street. "Declarations of NYCGA." Accessed September 12, 2019.

www.occupywallstreet.net

Schechner, Richard. Performance Studies: An Introduction. 2nd edition. London and New York: Routledge, 2006.

Schragis, Rachel. "Flowchart of the Declaration of the Occupation of NYC." Justseeds, October 2011.

<https://justseeds.org/product/flowchart-of-the-declaration-of-the-occupation-of-nyc/>

Tversky, Barbara. Mind in Motion. Ebook. New York: Basic Books, 2019.

<https://doi.org/10.1145/3325480.3325525>

White, Micah. The End of Protest. A New Playbook for Revolution. Canada: Alfred A.Knopf Canada, 2016.

Sobre a autora:

Özge Derman é doutoranda na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) Paris, Île-de-France, FR, no programa do Centre de recherches sur les arts et le langage (CRAL).

e-mail: ozgezderman@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9844-3341>

Sobre o tradutor:

Henrique Piccinato Xavier é doutor e mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), é bacharel em artes visuais pela mesma Universidade. Dedicar-se a projetos, principalmente, na interface e mistura entre filosofia, artes visuais, literatura e política. Atualmente, desenvolve extensas pesquisas sobre as obras de Marilena Chaui, James Joyce e Carlos Fajardo, estando em fase de finalização de livros sobre as três respectivas obras. Na área de tradução, é o organizador e um dos dezoito participantes de uma nova tradução coletiva de *Ulisses* de James Joyce (no prelo, Ateliê Editorial, 2022). É professor e também atua com curadoria.

e-mail: henrique.xavierO@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7325-0252>

Recebido em: 04-05-2022

Como citar:

Derman, Özge; Xavier, Henrique. (2022) Mapeamento de uma ocupação: Uma declaração graficamente posta. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.3, n.1, p. 335-343, jan./jun. 2022. <https://doi.org/10.14393/EdA-v3-n1-2022-65617>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.